

LI YUAN-CHIA

O âmbito do branco (a cor), que parece muito limitado, parece-me por vezes sem limites.

Para o pintor e gravador, o branco (a cor) consente uma redução da matéria ao essencial, sem abandonar a margem indispensável do concreto.

Nas gravuras deste livro, Li Yuan-Chia, através da criação de pequenos “sinais”, resumiu em poucas páginas brancas a história de sua família e (inserida nisso) a sua própria história. Seria isso magia ou perfeição técnica? Eu escolho a última hipótese.

O “tratado do vácuo perfeito” de Lao Tsé (China, século V a.C.) ensina que “agora é necessário aprender a ver: a ver grande aquilo que é pequeno, a ver claramente aquilo que é invisível”.

Essas gravuras, em sua caligrafia refinada que remonta a uma origem antiga, pressupõem uma exploração do branco (a cor) e dos limites do espaço, dado que estão ligadas a uma disciplina espiritual aparentemente inconcebível na nossa era mecanizada. Esses “sinais” baseados em “pontos” quase invisíveis inspiram-nos a meditar sobre o finito. Talvez eles nos conduzam à terra ideal onde sucumbem os gestos e ruídos inúteis. Onde a vida e a morte aparentam ser símbolos idênticos, onde talvez se possa ver grande aquilo que é – intencionalmente – pequeno.

Roma, Fevereiro 1966

Murilo Mendes